

**A ESPERANÇA: A POLÍTICA DE NÃO INTERVENÇÃO NA OBRA DE
ANDRÉ MALRAUX**

Rebeca Gonzalez*

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo mostrar como a obra literária *A Esperança* (*L'espoir*, 1937), de André Malraux tratou a Guerra Civil Espanhola, em particular a política de Não-Intervenção. Segundo o autor, esta política foi decisiva para a derrota da República Espanhola, visto que as potências democráticas liberais não ofereceram ajuda, participando do pacto de Não-Intervenção, mas países como Alemanha e Itália participaram ativamente da guerra espanhola, inclusive com tropas próprias.

PALAVRAS-CHAVE: André Malraux; Guerra Civil Espanhola; Pacto de Não intervenção.

ABSTRACT: This article aims to show how the literary work *Man's Hope* (*L'espoir*, 1937), by André Malraux treated the Spanish Civil War, particularly the policy of Non-Intervention. According to the author that policy was decisive to the defeat of Spanish Republic, since the liberal democrats powers didn't offer help, participating with the Non-Intervention agreement, but countries like Germany and Italy actively participated in the Spanish war, including their own troops.

KEYWORDS: André Malraux; Spanish Civil War; Non-Intervention Pact.

* Rebeca Gonzalez, mestranda do Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

André Malraux nasceu na cidade de Paris em 1903 e muito jovem começou a escrever, tendo publicado seu primeiro livro em 1923, *Lunes em Papier*¹, com apenas vinte anos. Desde sua juventude esteve envolvido em temas políticos, tendo participado ativamente da Revolução Chinesa como militante de esquerda e esta luta deu origem ao livro *Condition humaine* (A Condição Humana), em 1933, obra que lhe rendeu o prêmio francês Goncourt de literatura neste mesmo ano.

Alguns anos depois, Malraux se envolve na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), sendo esta uma oportunidade para o escritor aliar sua paixão pela escrita e a necessidade de ação². Assim, imediatamente vai à Madri, se estabelecendo lá apenas três dias após o início do conflito. É importante destacar que o francês “*teria sido o primeiro escritor a perceber que a Europa estava em guerra e a fazer uma literatura de guerra*”³. Logo André Malraux retorna a França com objetivo de chamar mais pessoas para ajudar a República Espanhola. organiza uma esquadrilha de aviões para lutar ao lado dos legalistas, inicialmente chamada Esquadrilha Espanha, mas logo rebatizada para Esquadrilha Malraux⁴. Porém, é irônico saber que o escritor francês nunca pilotou um avião.

Enquanto esteve na França devido aos ferimentos sofridos na guerra, arrecadou, junto com outros escritores e intelectuais, donativos para levar a Espanha. Foi neste período também que escreveu o livro *A esperança*, sendo publicado antes do final da guerra, obra que inicialmente foi pensada como um texto de propaganda. A sua experiência no combate ajudou o escritor com esta obra visto que

[...] Malraux trocou temporariamente a ficção pela realidade, as palavras-arma por uma esquadrilha aérea, vivenciando batalhas reais. Terminada sua ação, as batalhas foram imortalizadas nas palavras dos personagens de *L’Espoir*(1937) e dos interpretes do filme *Sierra de Teruel*(*Espoir*)(1939).⁵

¹ SOARES, Daniela. *Anarquistas na Guerra Civil Espanhola: Uma abordagem a partir das obras literárias de Ernest Hemingway e André Malraux*. 2010. Monografia [Graduação] – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. p 57

² FREITAS, Maria Teresa. “Ficção e História: Malraux e a Guerra Civil Espanhola”. *Revista brasileira de história*. São Paulo: Associação Nacional de História, 1986/1987. v.7 n.13 set/fev. p. 145.

³ Ibid. p. 145.

⁴ Ibid. p. 146

⁵ OLIVEIRA, Clarissa Laus Pereira. *A Condição Crítica de Malraux no Brasil e na Espanha: recepção crítica das obras La Condition humaine, L’Espoir e Antimémoires*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras/UFRGS, Porto Alegre: 2006. p. 90

Após o término das atividades da Esquadilha Malraux em março de 1937, em 1938 retorna a Espanha para produzir e dirigir seu filme, *Sierra de Teruel (Espoir)*, mas este não tinha a intenção de ser uma adaptação do livro *L'Espoir*. A filmagem não foi fácil, já que o país ainda se encontrava em guerra, não sendo diferente para a estréia, já que seu único filme estreou em julho de 1939, assim, poucas pessoas puderam assistir, inclusive o presidente exilado Juan Negrín. Logo depois o filme foi proibido na França, sendo liberado apenas em 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

A Esperança trata da primeira fase da Guerra Civil Espanhola, de julho de 1936, com a rebelião dos nacionalistas, até a vitória republicana em Guadalajara, em março de 1937, passando por diversas batalhas que ocorreram neste tempo. Este livro não é um romance peculiar, visto que não existe um protagonista, mas sim diversos personagens que surgem no decorrer da trama, que por vezes, retornam – estes são os “protagonistas” da história. Apesar do personagem Magnin, comandante, apresentar certas semelhanças a Malraux, este não serviu de base para a criação do personagem. Dessa maneira, nenhum personagem desta obra pode ser identificado com pessoas reais, pois todos existem apenas no mundo imaginário⁶. Outro aspecto importante a ser ressaltado sobre esta obra é que não existem heróis, desta maneira, Malraux buscou valorizar o coletivo e a igualdade entre os soldados.

O livro é dividido em três partes: *Ilusão Lírica*, *O Manzanares* e *L'Espoir*. A última parte termina dando esperança, assim como o próprio nome sugere, de que a guerra pode ser ganha pelos republicanos. Além disso, tenta transmitir coragem e otimismo às massas oprimidas. Porém, como já foi apresentado, no momento que a obra é lançada, o quadro que se apresentava na Espanha já não era do otimismo republicano da vitória em Guadalajara, último episódio do livro.

Uma guerra que atrai a intelectualidade

Durante a Segunda República espanhola houve um salto na educação da população, visto que para àquele governo, “[...] a cultura constitui uma forma de emancipar o povo, libertando-o da estagnação mental em que assentava o anterior regime”⁷. Assim, alavancado por esta ideia, ocorreu a alfabetização de 75 mil soldados e 300 mil civis, foram criadas 800 escolas, mil bibliotecas, além de serem colocadas 60

⁶ FREITAS, Maria Teresa. Op. cit. p. 149.

⁷ CERQUEIRA, João. *Arte e literatura na Guerra civil de Espanha*. Porto Alegre: ZOUK, 2005. p. 10.

mil crianças em colônias escolares⁸. Dessa maneira, neste período, os números da educação espanhola se aproximavam do padrão europeu, publicação de imprensa e livros atinge valores inéditos.

Após o início da Guerra Civil Espanhola, o governo também promovia “*a confraternização entre soldados e civis e realizados colóquios de politização das massas, com o objetivo de explicar as finalidades da guerra*”⁹. A massa, antes privada do conhecimento, demonstrava grande interesse pelo o que agora lhe era oferecido. Por isso, pode-se dizer que “*a Guerra Civil acorda talentos adormecidos que sem os trágicos acontecimentos ocorridos em Espanha talvez permanecessem ocultos*”¹⁰.

Temas históricos atraem, não sendo de se estranhar,

[...]que essa atração seja maior pelos processos com dimensão especialmente ‘catastrófica’ da História: guerras, revoluções, insurreições constituem momentos em que essas situações se exacerbam, e que oferecem, por conseguinte, fontes inesgotáveis de inspiração às mais diversas formas de produção literária.¹¹

Durante a Guerra Civil espanhola, o país se tornou em campo de discussão sobre os principais ideais que estavam se expandindo pelo mundo – Fascismo e Comunismo. Assim, “*a Espanha converteu-se em um símbolo de esperança para intelectuais, representou a possibilidade de lutar pela liberdade e justiça e as grandes correntes políticas da época puderam ser ouvidas e discutidas*”¹².

A guerra espanhola foi considerada a última guerra romântica, pelos ideais envolvidos nela. Para Freitas, “*era uma guerra romântica, feita de ‘tragédias’ e não de batalhas; por heróis e não por soldados. E o afluxo de voluntários estrangeiros, nem sempre simples mercenários, só fez ampliar esse caráter romântico que o conflito adquiria*”¹³.

O apelo republicano era grande, o que levou a muitos artistas aderirem à causa, fazendo com que compositores como Dmitri Sostakovic e Frans Szabo criassem hinos para as Brigadas Internacionais. O próprio Luís Buñuel estava filmando na Espanha, com Jean Grémillon, o filme chamado *Sentinela Alerta*, uma comédia militar que, de certa maneira, era inspirada nos acontecimentos espanhóis do início da década de 30,

⁸ Ibid. p.10.

⁹ Ibid. p. 10.

¹⁰ Ibid. p. 110.

¹¹ FREITAS, Op. cit., p. 138.

¹² SOARES, Op. cit., p. 15.

¹³ FREITAS, Op. cit., p.139.

que teve sua estreia em plena guerra civil¹⁴. A lista que Cerqueira faz de alguns intelectuais que participaram é imensa, porém, vale lembrar que mesmo que o lado republicado tivesse mais atrativos para a intelectualidade, os nacionalistas também tinham apoio, por exemplo, Salvador Dalí¹⁵.

Em 1937 foi realizado em Valência o Congresso Internacional de Escritores, onde foi defendida a “*intervenção da literatura nas causas políticas, tendo sem dúvida reforçado o comprometimento ideológico de inúmeros escritores e conseqüentemente contribuído para o aumento de obras de propaganda*”¹⁶. Porém, alguns escritores, dentre eles Malraux e Orwell, não se contentaram em participar escrevendo, mas também se alistaram nas Brigadas Internacionais.

Dessa forma, pode-se falar sobre a literatura engajada, onde a geração de escritores – artistas ou intelectuais – da década de 1930 estava engajada em questões políticas, sendo a guerra que acontecia uma oportunidade de colocar seus valores em prática. Para Maria Freitas, a Guerra Civil Espanhola provocou o desenvolvimento desta nova relação entre a História e Literatura, produzindo a chamada literatura engajada com um caráter político, polêmico e pragmático¹⁷. Assim,

Muitos esforços e criatividade foram subordinados às demandas conjunturais. Os textos produzidos foram marcados pelo caráter emergencial e pela necessidade de denunciar e convencer, objetivos maiores que pautaram a ação dessa geração engajada¹⁸.

Essa geração engajada estava disposta a arriscar suas vidas por seus ideais – Miguel Unamuno e Federico Garcia Lorca, foram dois que perderam a vida por se colocarem contra os fascistas. Muitos deles não eram comunistas, mas como se unir ao comunismo significava fazer frente ao fascismo, se vinculavam aos partidos de esquerda – que nem sempre era comunista, mas também anarquista, por exemplo – para lutar na guerra da Espanha. Alguns imaginavam que seria como uma aventura estar na Espanha, enquanto outros, não aguentaram a disciplina e privações que lhes eram impostas nas Brigadas Internacionais. Questão curiosa levantada por João Cerqueira é que os escritores estavam convencidos da superioridade moral da sua causa, por isso não

¹⁴ BUÑUEL, Luís. *Meu último suspiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.203.

¹⁵ CERQUEIRA, Op. cit., p.118.

¹⁶ Ibid. p. 117.

¹⁷ FREITAS, Op. cit., p.138.

¹⁸ OLIVEIRA, Op. cit., p.77.

tentam “[...] compreender as motivações dos adversários nem analisar com imparcialidade as razões da Guerra, cedendo a tentação de dividir os combatentes entre bons e maus”¹⁹. Alguns escritores, menos seguros das suas capacidades e menosprezando a inteligência do seu público leitor, interferem diretamente na ação,

intrometendo-se na relação entre o leitor e as personagens, para facilitar a compreensão do enredo ou propagar mensagens políticas. Em vez de utilizarem a voz das personagens, alguns autores não resistem a expressar as suas opiniões e, inclusive, interpelar o leitor, congelando a narrativa por períodos mais ou menos longos. O cúmulo da propaganda dá-se quando certas personagens, ao invés de defenderem os seus ideais, desferem críticas ao sistema político em que acreditam e renegam a ideologia pela qual lutavam.²⁰

É interessante lembrar que, devido a ruptura que os intelectuais espanhóis desejavam fazer, os “autores republicanos ignoram as regras da métrica e a inspiração lírica, por as considerarem expressões culturais dos intelectuais do antigo regime”²¹. Outra curiosidade é que a poesia republicana não valorizava a figura do herói – com exceção de algumas figuras simbólicas –, pois glorificava o coletivo – bastante marcada na obra *A esperança*, de Malraux.

Como consequência do objetivo de levar a “cultura” para as massas, pela linguagem, a poesia republicana tenta se aproximar do povo, enquanto os nacionalistas fazem o contrário, rebuscando ainda mais a escrita. Os nacionalistas permaneciam seguindo as regras da academia e baseando seus textos nos autores clássicos. Além disso, o apoio intelectual aos nacionalistas foi menor e, talvez, o apoio desta intelectualidade não fosse o objetivo do grupo, pois um dos lemas mais conhecidos dele é *Abaixo a inteligência! Viva a morte!*, do General Millán Astray²².

Dessa maneira, durante a guerra, pela necessidade dos combatentes registrarem o que viviam, além de muitos intelectuais se descobrirem soldados, soldados também se descobriram escritores. Frequentemente, os soldados nos seus momentos de descanso se tornavam escritores, registrando suas memórias. Porém, de acordo com Cerqueira, as obras concebidas após o término do conflito, são mais maduras, pois permitiram que a

¹⁹ CERQUEIRA, Op. cit., p.118.

²⁰ Ibid., p. 119.

²¹ Ibid., p.111.

²² Palavras ditas durante o Festival da Raça em 12 de outubro de 1936, realizado no salão de honra da Universidade de Salamanca. Neste evento Unamuno retirou seu apoio aos nacionalistas e foi preso até sua morte em 31 de dezembro de 1936.

distância evitasse um discurso de propaganda, com complexidade e estrutura superiores²³.

Vale ressaltar que a experiência da guerra causa desilusões e rupturas ideológicas em alguns escritores, como o caso de Koestler, que “*acaba por descobrir que nenhum ideal, por mais elevado que seja, pode aplacar a brutalidade dos homens enraivecidos pela Guerra*”²⁴. Dessa maneira, os escritores se chocam com a realidade da guerra que entra em choque os ideais que antes defendiam, levando a introspecção, conduzindo a dramáticas transformações de identidade²⁵.

Para Cerqueira,

a literatura não consegue derrotar as ditaduras fascistas e comunista, mas preserva a memória dos seus horrores ao evitar o esquecimento e a distorção da verdade, fornecendo assim à humanidade preciosa ajuda para não repetir erros do passado.²⁶

Abandono das democracias ocidentais

A obra de André Malraux aborda – ainda que não durante todo o livro – um tema de grande importância para entender o desenvolvimento do conflito espanhol. Em algumas passagens *A esperança* menciona questão da política de Não-Intervenção, que na verdade foi uma fraude. Neste trecho vemos exatamente a sensação de abandono que os republicanos sentiam:

“Os fascistas ajudaram aos fascistas, os comunistas ajudaram aos comunistas e até mesmo à democracia espanhola; as democracias não prestam ajuda às democracias”²⁷.

“Nós, democratas, acreditamos em tudo, menos em nós mesmos. Se um Estado fascista dispusesse da força dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França reunidos, estaríamos aterrorizados. Mas como se trata da *nossa força*, não acreditamos nela”²⁸.

No momento da revolta dos militares, em julho de 1936, o governo sabia que não podia contar com países como Alemanha nazista, Itália fascista e Portugal de Salazar, pois estes apoiariam ou, ao menos, não se oporiam aos nacionalistas. Os aliados

²³ CERQUEIRA, Op. cit., p. 118.

²⁴ Ibid., p.121.

²⁵ Ibid., p.122.

²⁶ Ibid., p.124.

²⁷ MALRAUX, André. *A esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000. p. 361.

²⁸ Ibid., p. 161.

“naturais” da República espanhola seriam a URSS, já que o governo espanhol era de esquerda, e as democracias ocidentais, porém estas últimas acabaram por não fornecer ajuda oficial, mas apenas voluntários enviados por organizações desvinculadas dos seus Estados.

Dessa maneira, os republicanos tinham grande esperança de conseguir ajuda imediata da França, visto que o governo também era da Frente Popular²⁹. Em 19 de julho, o primeiro-ministro da República envia um telegrama ao primeiro-ministro francês, Léon Blum, pedindo ajuda com armas e aeroplanos³⁰. Segundo Salvado, esta solicitação não era ilegal, já que,

segundo o direito internacional, um governo tem o direito de comprar armas quando confrontado com uma rebelião. Além disso, um acordo comercial franco-espanhol, assinado no final de 1935, providenciou a aquisição de armas na França até a quantia de 20 milhões de francos³¹.

Além do que foi apresentado, a França tinha interesse que a Frente Popular permanecesse no governo espanhol, pois seria um aliado ao sul de sua fronteira³². Uma vitória nacionalista seria hostil ao governo francês e estaria cercada por três países hostis³³. Porém, a posição do governo francês muda, já que o governo britânico, temendo uma nova guerra europeia, pressiona a neutralidade francesa.

Ao contrário do que ocorria com a França, a administração britânica tinha mais simpatia pelos rebeldes. Mesmo que a Grã-Bretanha fosse uma democracia, assim como a Espanha, não apoiaria o governo da Frente Popular, porque se tratava de um governo esquerdista e na Inglaterra os conservadores estavam no poder. Por isso, “*desde os primeiros dias, relatórios diplomáticos e de inteligência confirmam os sentimentos anti-republicanos já dominantes no governo britânico*”³⁴.

Assim sendo, devido a pressões inglesas, a França foi persuadida a quebrar o acordo de envio de armas a Espanha, já que o cumprimento deste acordo colocaria em risco as relações entre Londres e Paris. Dessa forma, em 9 de agosto de 1936, a França proíbe a exportação de equipamentos militares, inclusive transações feitas por

²⁹ SALVADÓ, Francisco. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 95.

³⁰ THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p.257.

³¹ SALVADÓ, Op.cit., p.96.

³² Ibid., p 96.

³³ THOMAS, Op. cit. V. 1., p.259.

³⁴ SALVADÓ, Op.cit., p.98.

particulares com o governo espanhol³⁵. A Partir de então, adota de forma unilateral a política de não-intervenção e “*falou-se demais nas ‘lágrimas’ de Léon Blum*”³⁶.

Inicialmente, se acreditou que a política de não-intervenção, mesmo com a República impedida de comprar armas, deixaria esta em condição de derrotar a insurreição, visto que os nacionalistas também não o fariam³⁷. Segundo Matthews, a “*teoria da não-intervenção era compreensível e, aparentemente, sensata: fazer com que nenhuma potência estrangeira fornecesse ou vendesse armas ou material bélico a qualquer um dos lados na Guerra Civil*”³⁸. Porém, se mostrou um total fracasso, visto que não conseguiam impedir a ajuda dada aos nacionalistas pela Itália e Alemanha, já que “*a intervenção no lado insurreto começou com uma explosão; no lado republicano, começou com um murmúrio*”³⁹.

Ainda que a Alemanha tivesse iniciado sua ajuda de maneira tímida, logo seu apoio foi fundamental, principalmente pela Legião Condor que os nazistas utilizaram na guerra espanhola para testar a eficiência da *Luftwaffe*. A Legião Condor mostrou sua eficiência ao bombardear a cidade de Guernica. Estima-se que esta legião era composta de 80 a 150 aparelhos, variando de acordo com o momento, e 4 mil homens⁴⁰.

A Itália também não poupou esforços para ajudar os espanhóis nacionalistas. Para Vilar, “*a intervenção italiana foi mais teatral, mais ideológica, financeiramente mais desinteressada que a intervenção alemã, sem ser, no entanto, isenta de interesses a longo prazo*”⁴¹. Entretanto, para Salvadó, “*a decisão da Itália de se envolver na Espanha foi resultado de um cuidadoso exercício de oportunismo político*”⁴².

Dessa forma, a política de não-intervenção se mostrou uma fraude,

a flagrante ineficiência do NIA⁴³ era, em grande medida, consequência de ele ser na realidade uma trapaça, um instrumento da diplomacia britânica cujos objetivos não eram os retratos pela propaganda oficial, isto é, a prevenção da participação estrangeira na guerra.⁴⁴

³⁵ Ibid., p. 106.

³⁶ VILAR, Pierre. *A Guerra da Espanha, 1936-1939*. São Paulo: Paz e Terra, 1989. p.103.

³⁷ SALVADÓ, Op. cit., p.107

³⁸ MATTHEWS, Herbert Lionel. *Metade da Espanha morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p.136.

³⁹ Ibid. p.136.

⁴⁰ VILAR, Op. cit., p.101.

⁴¹ Ibid., p.102.

⁴² SALVADÓ, Op. cit., p.104.

⁴³ Sigla de Acordo de Não-Intervenção em inglês.

⁴⁴ SALVADÓ, Op. cit., p.108.

A Liga das Nações também mostrou sua ineficiência em colocar em prática a política de não-intervenção ao ignorar a participação de Estados estrangeiros no lado nacionalista. Além disso, a Liga ignorou os protestos do governo espanhol, que era membro do Conselho da Liga⁴⁵. O Conselho chegou a votar para que o Comitê de Não-Intervenção organizasse, entre seus membros, mediação para a política ser cumprida, porém, esta não foi aceita por republicanos nem por nacionalistas, acabando por ser abandonada⁴⁶.

Assim, países como França e Inglaterra mostraram ser de pouca confiança, principalmente após o primeiro confiscar parte do ouro do Banco de Espanha e só entregar após a guerra à Francisco Franco⁴⁷. Os Estados Unidos, seguindo a política isolacionista que adotou após a Primeira Guerra Mundial, se manteve afastado do conflito, ficando neutro e, logo, também adotou a política de não-intervenção, inclusive, realizando embargos à República Espanhola. Sendo o México o único país ocidental a defender abertamente a república espanhola, não participando da não-intervenção, já que a consideravam um embuste⁴⁸.

Como foi mostrado no trecho inicial do texto, havia uma sensação de abandono e “*a falsidade evidente das consequências a revoltar a maioria dos liberais e socialistas dos países ocidentais*”⁴⁹. Por isso, “*face ao abandono da República Espanhola pelas democracias e à crise mundial do Capitalismo, muitos destes homens abraçam o Comunismo como a única forma de travar o Fascismo*”⁵⁰. Dessa maneira, a República apenas pode contar com a ajuda da URSS, já que o México não podia ajudar em muito.

Considerações Finais

André Malraux esteve envolvido na guerra até o seu final, ainda que não como combatente todo este tempo, mas sempre buscando ajudar a causa republicana na Espanha, sendo um exemplo disso o próprio romance *A Esperança*, que por ter sido lançado ainda durante a guerra, constituiu, segundo Sartre, uma literatura engajada por excelência⁵¹. Por conta disso, esta obra foi, muitas vezes, classificada como “romance-reportagem”, já que seria de cunho jornalístico e autobiográfico, ainda que, não trate de

⁴⁵ MATTHEWS, Op.cit., p.174.

⁴⁶ THOMAS, Opcit. V. 2., p.27.

⁴⁷ MATTHEWS, Op.cit., p.176.

⁴⁸ Ibid., p.173.

⁴⁹ THOMAS, Op. cit., p.36.

⁵⁰ CERQUEIRA, João. *Arte e literatura na Guerra civil de Espanha*. Porto Alegre: ZOUK, 2005. p.117.

⁵¹ Ver: FREITAS, Op.cit.

seus próprios relatos, mas sim, em uma ficção baseada no que viu durante sua estadia na Espanha em guerra.

Além disso, vale ressaltar que o país natal de Malraux, a França, de todos os países envolvidos, foi o mais concernido⁵². “A única democracia de esquerda a ter fronteira comum com a Espanha na época, já que Portugal tomara o partido dos rebeldes nacionalistas”⁵³. Além disso, a própria população francesa se posicionou contrária a política de não intervenção, sendo que, segundo estatísticas, os franceses foram maioria nas Brigadas Internacionais, deixando também uma vasta bibliografia sobre o assunto⁵⁴.

Assim, percebemos que o escritor não era uma exceção entre os franceses, que apoiavam a luta da República. Porém, posteriormente, devido ao pacto de Não-Intervenção e pressão Inglesa, a França retirou a ajuda e o governo eleito democraticamente foi massacrado pelas tropas nacionalistas que tiveram apoio militar até o final da Alemanha e Itália.

BIBLIOGRAFIA:

AGUIAR, Eliana. A esperança: a querela do romance-reportagem. In: MALRAUX, André. *A esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

AMARAL, Aracy. *Arte para quê?*. Rio de Janeiro: Studio Nobel, 2003.

BEILGUEMAN-MESSINA, Giselle. “Hemingway e a Guerra Civil Espanhola”. *Revista USP*, número 5 – março/abril e maio, São Paulo: 1990, pp. 93-104.

BUÑUEL, Luís. *Meu último suspiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1965.

CERQUEIRA, João. *Arte e literatura na Guerra civil de Espanha*. Porto Alegre: ZOUK, 2005.

⁵² Ibid. p. 140.

⁵³ Ibid. p. 140.

⁵⁴ Ibid. p. 142.

CHARTIER, Roger. “Debate: Literatura e História”. *Topoi*, Rio de Janeiro, n 1, pp.197-216, 1999.

FERREIRA, Antonio. A fonte fecunda. In: PINKY, C.; LUCA, T..(Orgs.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FREITAS, Maria Teresa. “Ficção e História: Malraux e a Guerra Civil Espanhola”. *Revista brasileira de história*. São Paulo: Associação Nacional de História, 1986/1987. v.7 n.13 set/fev.

MALRAUX, André. *A esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

MARTINS, Maria Antonia. *Literatura Portuguesa de resistência: a mulher, a guerra e o intelectual como armas de uma luta contra o salazarismo*. [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

MATTHEWS, Herbert Lionel. *Metade da Espanha morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

NAVARRO, Márcio Hoppe. *O romance do ditador: poder e história na América latina*. São Paulo: Ed. Ícone, 1989.

OLIVEIRA, Clarissa Laus Pereira. *A Condição Crítica de Malraux no Brasil e na Espanha: recepção crítica das obras La Condition humaine, L’Spoir e Antimémoires*. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Letras/UFRGS, Porto Alegre: 2006.

SALVADÓ, Francisco. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Daniela. *Anarquistas na Guerra Civil Espanhola: Uma abordagem a partir das obras literárias de Ernest Hemingway e André Malraux*. 2010. Monografia [Graduação] – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

THOMAS, Hugh. *A Guerra Civil Espanhola*. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

VILAR, Pierre. *A Guerra da Espanha, 1936-1939*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

Artigo recebido em: 29 de agosto de 2013

Aprovado em: 28 de setembro de 2013